

Book Review

Granja, Lúcia. *Machado de Assis—antes do livro, o jornal: suporte, mídia e ficção.* U Estadual Paulista, 2018.

Talvez uma das maiores interrogações que inquietam os leitores de Machado de Assis seja descobrir o que, afinal de contas, o diferencia tanto de todos os demais escritores—sejam brasileiros ou estrangeiros—, bem como de si próprio a partir de determinado ponto de sua carreira. Este questionamento subjaz ao livro de Lúcia Granja, que situa na intensa atuação jornalística de Machado de Assis ao longo da vida sua hipótese de leitura quanto à originalidade do autor.

A questão não é nova para a pesquisadora, que vem desde sua tese de doutorado (publicada no livro *À roda dos jornais e teatros: Machado de Assis, escritor em formação*) investigando os indícios da atuação jornalística de Machado de Assis e seus imbricamentos em sua ficção. Seguindo essa pista em uma série de ensaios posteriores, Granja dá agora um salto quântico ao formular melhor a hipótese, não apenas por dar a ela centralidade como também por reunir mais subsídios para o argumento. Tal acumulação crítica foi possível devido à rica trajetória acadêmica da pesquisadora—começando por sua formação na Unicamp, nos anos 1980, “pelos orientandos de Antonio Candido e no rastro das ideias de Roger Chartier” (13), passando por sua participação no projeto de edição anotada das crônicas completas de Machado de Assis pela Editora da Unicamp, em parceria com John Gledson, seguindo pelo aprofundamento dessa visão em sucessivos estágios de pós-doutorado realizados na Europa e desembocando no desenvolvimento dessas ideias em diversos projetos de pesquisa.

Uma sólida base teórica à qual se sobrepõe uma densa rede de leituras e pesquisas, o livro de Granja é um reflexo fiel de sua trajetória acadêmica. Ele comporta duas partes. Na primeira, “A literatura na mídia, século XIX”, a autora procura caracterizar a verdadeira revolução midiática representada pela crescente intensidade da disseminação do jornal a partir das primeiras décadas dos anos 1800, assim como suas consequências para a literatura. Tal revolução, que seria

“comparável, em termos de comunicação mundial e de novidade poética ligada a um suporte, àquela que a internet vem produzindo há algumas décadas”, tem consequências importantes para as práticas de leitura e escrita dentro do mundo ocidental, sendo uma delas a forma hipertextual (19). Lembrando que, “[n]os periódicos do século XIX, as hiperligações entre textos acontecem frequentemente no corpo das notícias de um jornal em específico que se refere a outros jornais e periódicos”, a autora parte da análise de um exemplo bastante pontual, do qual vai gradativamente depreendendo traços da poética machadiana (23). Assim, da crônica que Machado de Assis publicou no jornal *O Cruzeiro*, em 7 de julho de 1878, ela destaca a referência a um sujeito de Caravelas, na Bahia, que teria dado à luz uma criança, e observa que, embora o cronista comente o assunto com grande familiaridade, a notícia não havia sido publicada em *O Cruzeiro*, mas sim no *Jornal do Commercio*—o qual, por sua vez, usara como fonte o *Monitor*, folha da Bahia. Dessa constatação ela depreende, sucessivamente: a revelação de um público habituado à leitura cotidiana de mais de um jornal; a circularidade da leitura, perceptível nas remissões de um texto e/ou de um periódico a outro; a circularidade também das formas, uma vez que o caso comentado pelo cronista, apesar de sua “quase impossibilidade . . . ou sua inverossimilhança”, surgira inicialmente como texto jornalístico noticioso (25); o interesse do autor por temas grotescos e o tratamento irônico dado a esses assuntos. Em suma, ela depreende na análise da crônica e das circunstâncias de sua publicação um traço da composição poética machadiana: o “aproveitamento paródico da matriz jornalística em sua composição literária” (21).

Na segunda parte, “Machado de Assis, ficção e suporte”, a atenção se volta para textos do período imediatamente anterior à “virada” na ficção machadiana representada pela publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O foco do estudo recai na análise de duas crônicas (uma de 1877 e outra de 1878) e dois contos (“A causa secreta” e “Conto alexandrino”), além de alguns aspectos do romance mencionado. A autora revisita interpretações anteriores dos contos e dos romances, mas renova essas leituras no momento em que analisa os textos a partir da rede intertextual em que foram publicados inicialmente: nos contos, ao perceber a reapropriação de temas entre crônicas e contos, gerando uma “ficção da atualidade” (25), e a incorporação do horripilante à ficção machadiana da época como “paródia da naturalização de certos discursos e práticas das sociedades em geral” (66)—e, valeria acrescentar, da brasileira em particular; no

romance, ao correlacionar suas diversas inovações (como a negação de uma narrativa baseada no relato de episódios aventurecos e o rompimento com a fluidez narrativa) a um confronto entre as duas formas de publicação do texto (em folhetim, ao longo de 1880, e em livro no ano seguinte) e o protagonismo assumido pela plasticidade dos cortes textuais.

Contudo, se os cortes textuais configuram inovação no romance machadiano, eles marcam um porém no livro de Granja, que se ressentem em alguns momentos de cesuras bruscas. Esse aspecto, entretanto, não chega a comprometer o valor do livro, que reside em seu argumento central: mostrar como “o texto machadiano se nutre da extrema consciência de seu autor sobre os efeitos tipográficos, poéticos, retóricos e ideológicos do suporte sobre o qual se forma e ao qual se conforma” (82). Ao apresentar o jornal cotidiano “como grande impulso de um sistema midiático e civilizacional, cujos procedimentos e repertório repercutem sobre a concepção e elaboração do texto ficcional oitocentista em geral” (11), o livro se insere em um conjunto de estudos que propõem um novo modo de compreender a história literária do século XIX, tornando-se assim leitura indispensável não apenas aos estudiosos de Machado de Assis, mas também àqueles interessados em outros autores do mesmo período. Assim como o livro de Lúcia Granja se formou no decorrer e no bojo de outras pesquisas, ele guarda também um grande potencial de inspirar novos estudos.

Mariana da Silva Lima

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca